

# Diversão & Arte

PERSONAGENS FEMININAS GANHAM PESO NAS ESTREIAS DE CINEMA QUE TRAZEM A ADAPTAÇÃO DO VIDEOGAME **BORDERLANDS** E AINDA A VIVÊNCIA DA AGRESSÃO DOMÉSTICA, EM **É ASSIM QUE ACABA**



Fotos: Paris Filmes/Divulgação

# MULHER EXPLOSÃO PERTURBADORA VIOLÊNCIA

» RICARDO DAEHN

Uma produção assumidamente B, com pretensioso quê de Guardiões da galáxia, mas com o acabamento do eficiente Mercenários das galáxias. Baseado numa franquia violenta de videogame, o longa *Borderlands: O destino do universo está em jogo* revela a travessia de uma equipe de raivosos aventureiros pelo planeta infernal de Pandora, local de origem da protagonista Lilith (Cate Blanchett), uma caçadora de recompensas, mais do que acostumada com a vida de prisioneiros. Na direção do filme está Eli Roth, conhecido do público por filmes como *Desejo de matar* (2018), com Bruce Willis; *Cabana do inferno* (2002) e *O albergue* (2005).

“Não existe salvação sem sacrifícios”, avalia um dos personagens da agitada fita com

clima futurista, mas carregada de ares retrô. Quase que num tabuleiro de xadrez, há a conjuntura da filha desaparecida de um poderoso magnata da corporação Atlas (o venezuelano Edgar Ramírez) e uma rede de desconhecidos escalados para unir forças contra a perversa Knox (Janina Gavankar) e ainda o mercenário Roland (Kevin Hart), detentor da tutela da jovem Tiny Tina (Ariana Greenblatt), dada como uma precisidade desgarrada da proteção paterna de Atlas.

Um dos pontos de origem da civilização está nos eridianos, grupo que respondeu por todos os resquícios de conquistas tecnológicas presentes na galáxia. Uma arca, recheada de conhecimentos e progressos, estaria à espera da libertação. O somatório



Um time pesado é montado na aventura de *Borderlands*

de três chaves garantiria a abertura de conhecimento.

Além da hiperativa Tiny Tina, o grupo em fuga conta com o troglodita Krieg (Florian Munteanu), dedicado à proteção de Tina; Tannis (Jamie Lee Curtis), uma misteriosa cientista e ainda Claptrap (dublado pelo humorista Jack Black), um robô pra lá de linguarudo. Derrotar uma legião de “psicopatas de quem psicopatas têm medo” está nos planos dos heróis envolvidos numa trama que aglomera ciência, maternidade, paternidade, clonagem e abandono.

Um dos grandes diferenciais no filme está na figura da descolada garota Tina, sempre com um explosivo coelho a reboque, e ainda no congestionamento de movimentos dos veículos espaciais pilotados num mundo infestado por ameaças alienígena e inesperados vilões.

## Crítica // É assim que acaba ★★

### Truculência de boutique

O mesmo desserviço que a trilogia 50 tons de cinza prestou ao erotismo o novo longa *É assim que acaba* presta à discussão da violência doméstica. Sem um colorido mais intenso, o filme não encara o registro das agressões que a protagonista (Blake Lively) sofre no curso da vida — num reflexo a tudo o que, no passado, a mãe dela (papel de Amy Morton) vivenciou. Quem lembrar do estilo das adaptações melosas da literatura de Nicholas Sparks para a telona, a exemplo de *Querido John* e *Um porto seguro*, terá a percepção do que o diretor (e astro) Justin Baldoni (de *A cinco passos de você* e da série *Jane the virgin*) faz pelos escritos da autora Colleen Hoover, vertido em roteiro da jovem Christy Hall.

No lugar do clássico “sua bagata está assando”, a dócil Lily Bloom (Lively) dispara ao parceiro Ryle (Baldoni) um “sua fritada está queimando”, numa inofensiva e mera constatação, na cozinha. Sem demora, sofrerá a primeira das sucessivas violências. Brota, com naturalidade, a corriqueira auto-defesa dita por Ryle: “(Desculpe) Foi sem querer”.

E é assim, entre uma atmosfera sexy, na qual grita a boa trilha sonora (ao estilo *Grey's Anatomy*), que correm as vidas paralelas narradas no corpo de Lily: ela, na juventude, fora apaixonada pelo “mendigo” (ou “desalojado”) Atlas, personagem de Brandon Sklenar, e agora, numa espécie de distração de grã-fina,



É assim que acaba: drama superficialmente pesado, com Blake Lively

se deixa engambelar pelos sentimentos do neurocirurgião (e rico) Ryle. Ele a quer como uma espécie de Amélia, e, ao que diz adorar “o prazer”, se gaba de desviar do amor. Complicações e

tolerância habitam a novela acucarada para a qual o filme traz vocação, isso depois de uma encaenação espirituosa de Lily e Ryle.

Em Boston, cidade na qual Lily estabelece o sonho de ser



Brandon Sklenar é um dos vértices do triângulo amoroso

proprietária de floricultura, ela vai esbarrar num amontoado de confusões amorosas, ao reencontrar Atlas. Para o deleite da legião de fãs dos livros (sim, haverá continuação),

desdobram-se os traumas de todos os personagens, no surreal conto que traça o óbvio paralelo da efemeridade do amor e da resistência e beleza das flores. Haverá quem goste. (RD)